

TRABALHANDO AS TÉCNICAS FREINETIANAS A FAVOR DA GESTÃO DEMOCRÁTICA DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Márcia de Paula Brilhante Portela Sbrussi – UFRN - UnP
marciaportela@gmail.com

Francisco de Assis Pereira – UFRN
frassis_pereira@yahoo.com.br

Resumo

A Pedagogia Freinet contribui para inovar a gestão democrática da educação superior através do trabalho que se desenvolve no Curso de Pedagogia/UnP. Objetivos: compreender e analisar as bases teórico-práticas da formação de professores e relacioná-las com a gestão democrática. A perspectiva associa os conteúdos das disciplinas à Pedagogia Freinet através de oficinas que são ministradas pela pesquisadora para proporcionar vivências. Espera-se averiguar como as bases da Pedagogia Freinet contribuem para a formação dos professores e o aprimoramento da gestão democrática e participativa.

Palavras-chave: Pedagogia Freinet; Educação Superior; Inovação na educação superior.

Resumo Ampliado

O trabalho democrático do educador francês Célestin Freinet e sua pedagogia contribuem na atualidade para inovar a gestão da educação superior. Pode-se afirmar o exposto através do trabalho com as técnicas freinetianas na gestão da educação superior que se desenvolvem no Curso de Pedagogia da Universidade Potiguar (público alvo: vinte e dois professores universitários - quatro homens e dezoito mulheres). Esta é uma atividade pioneira que tem como objetivos: compreender as bases teórico-práticas da formação de professores à luz da Pedagogia Freinet; relacionar a sua formação durante a graduação e suas práticas pedagógicas no Curso de Pedagogia da Universidade Potiguar; analisar as contribuições teórico-práticas da Pedagogia Freinet no que se refere a formação continuada de professores; articular os fundamentos da formação de professores em Freinet com sua formação e suas práticas pedagógicas no curso citado; aprofundar a formação freinetiana e suas aplicações práticas, observando a sistematização do trabalho docente dos professores em exercício. A perspectiva adotada para o trabalho é associar os conteúdos essenciais das diversas disciplinas de cada semestre à Pedagogia Freinet, aos estudos dos princípios e as técnicas Freinet, entendendo, escutando e aprendendo, prestando atenção aos registros dos eventos, aos problemas que vão advir na trajetória e buscando soluções em parceria com o grupo, o que confere à pesquisa e ao mesmo tempo ao trabalho de gestão universitária uma visão particular de trabalho científico. Para viabilizar o estudo e as ações em cada semestre são oferecidas, durante a semana pedagógica (julho/2008 e janeiro/2009), oficinas ministradas pela pesquisadora e gestora do curso que aplicou as técnicas: Correspondência, Jornal, Desenho e Reunião Cooperativa, a fim de proporcionar algumas vivências práticas da pedagogia Freinet. Espera-se com essa experiência averiguar como as bases da proposta pedagógica freinetiana contribuem para a formação dos professores de graduação e para a gestão democrática do Curso de Pedagogia da Universidade Potiguar.

Palavras-chave: Pedagogia Freinet; Educação Superior; Inovação na educação superior.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre a gestão democrática e participativa vem permeando os estudos em educação a partir das duas últimas décadas do século XX, notadamente após o término dos anos de ferro da ditadura militar que deixou marcas autoritárias na Educação Brasileira. Ao propor um trabalho que discute a gestão democrática e participativa aliada a uma proposta progressista no ensino superior em uma instituição privada estamos, no mínimo, sendo ousados e esperançosos quanto ao sucesso de um empreendimento como este. O presente artigo narra aos leitores a trajetória de uma professora que sempre teve a gestão como um viés profissional fundamental em sua formação, bem como sua proposta de implementar a pedagogia Freinet na Educação Superior. Refletir, aprender e crescer sobre uma gestão pautada pela cooperação tem um valor pedagógico na formação de todos os educadores envolvidos que participam dos processos educativos do curso tornando-o mais democrático, representativo e comprometido com a melhoria da gestão do curso e da qualidade do ensino.

FORMAÇÃO DE UMA GESTORA DEMOCRÁTICA

Minha trajetória como profissional sempre foi alicerçada no magistério. Neta e filha de professores, seguir o caminho da docência foi natural e muito apoiado por todos. Ao mesmo tempo aliando o gosto pela sala de aula fui uma aluna que ajudava aos colegas em suas necessidades em matemática ou na elaboração de trabalhos, o que imprimiu em minha personalidade traços de liderança. cursar Pedagogia no início da década de 80 (1983-1986) e optar pela habilitação em Administração Escolar também foi natural, pois era professora da educação infantil (Pré Escola, na época) e ao mesmo tempo já coordenava um grupo de professoras. O período em que cursei o Ensino Superior foi marcado por uma “névoa” tecnicista e a gestão, tanto da sala de aula como da escola em trabalhava, era marcada por um autoritarismo que, embora fosse o conhecido e esperado, me causava desconforto. Só com a Constituição de 1988 foi aberta a possibilidade da gestão democrática, embora nessa época essa idéia estivesse ainda no campo teórico e sua construção continua a se fazer até os nossos dias.

Os anos foram passando e experiências foram sendo vividas: fui professora da educação infantil, do ensino fundamental – anos iniciais, do antigo Magistério, coordenei educação infantil, ensino fundamental – anos finais, ensino médio, mas no final de 1996 (depois de dez anos longe da atividade de estudante universitária e no oitavo mês de gestação da minha segunda filha) senti saudade de estudar de novo, atualizar-me, voltar a ser estudante (com carteira e pagar meia entrada no cinema) e começar minha trajetória na educação

superior. Fui fazer as provas para o curso de Especialização e em 1997 ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN – PPGED, louca de vontade de estudar e aprender. No primeiro ano fiz parte do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Comunicação, mas para fazer um trabalho intitulado “A Produção Textual nas Classes de Alfabetização” senti a necessidade de transferir-me para o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Básica.

Minha monografia foi orientada pela Prof. Ms. Sandra Maria Borba Pereira, pessoa que admiro como profissional de extrema competência, mas principalmente como ser humano. Na defesa do trabalho submeti a exame também um projeto para o Mestrado, propondo trabalhar uma das técnicas da Pedagogia Freinet – a Imprensa Escolar, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco de Assis Pereira, meu mestre acima de tudo, meu companheiro de ideal freinetiano, meu orientador no doutorado que curso atualmente. O título da minha dissertação foi “O Papel da Imprensa Escolar na Produção Textual: uma Experiência com a Pedagogia Freinet” e eu a defendi em 2001.

Iniciei, então, minhas incursões no cenário da educação superior já em 1998, quando participei de um programa para formação de professores no interior do Estado do Rio Grande do Norte (PROBASICA). Esse período foi um grande divisor de águas em minha vida, pois conheci através dos meus orientadores de especialização e mestrado Célestin Freinet e sua pedagogia progressista. Eu nunca mais seria a mesma pessoa, nem tão pouco a mesma profissional e tenho consciência que estou em constante transformação e construção para ser uma educadora melhor.

INICIANDO UM TRABALHO DE GESTÃO DEMOCRÁTICA COM A PEDAGOGIA FREINET

Em 2000 fui aceita como professora do curso de Pedagogia da Universidade Potiguar/UnP, única universidade privada do Estado do Rio Grande do Norte. Lembro que quando adentrei naquele prédio prometi a mim mesma que lá seria apenas professora e nunca gestora, mas minha promessa foi quebrada em janeiro de 2002 e me convenci que meu papel na administração era e é importante para os pedagogos em formação.

Assumir essa gerência administrativa e muito mais pedagógica é um desafio diário de construção do meu eu profissional, pessoal e humano. Aprendo todos os dias sobre as mais diversas ciências da educação, aprendo muito sobre gestão e administração, sobre planos estratégicos e de negócios, planos de desenvolvimento institucionais, planos de trabalho e de metas e foco principalmente o projeto pedagógico do curso, os planos de ensino, as práticas

pedagógicas, os estágios supervisionados, enfim vivo o curso de Pedagogia como um negócio meu que não me pertence, enquanto corpo físico, mas sobre ele respondo e me responsabilizo legalmente.

Como administrar um negócio? Que palavra estranha ao meu vocabulário de educadora idealista e freinetiana! Explico: como a UnP tem sua origem (1981) nos cursos da área de gestão, é natural que seu viés administrativo corra por esse caminho e a ele agregue os conhecimentos da Pedagogia Universitária. Portanto, como pedagoga, apreendo os termos e aprendo os procedimentos da Administração e os colegas aprendem as diversas características da docência, da didática e do que é ser professor além da formação técnica profissional. Estamos em troca e conflito permanentes para crescermos.

Os cursos de graduação da Universidade Potiguar têm sua administração sob a responsabilidade de uma direção executiva que poderá contar, quando necessário, com uma direção adjunta. De acordo com o Regimento Geral da Universidade, a Diretoria de Curso, órgão executivo da Administração Acadêmica da Universidade, é exercida pelo Diretor e, quando necessário, auxiliado por Diretor-Adjunto, ambos designados pelo Reitor para mandato de dois anos, permitida a recondução.

O Curso é administrado em consonância com as diretrizes institucionais, em particular com os princípios da gestão institucional formulados no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI 2007/2016): excelência acadêmica, sustentação econômica, educação continuada. Esses princípios orientam o planejamento e a gestão da Universidade, nos diferentes níveis, estabelecendo-se a seguinte lógica: o Plano de Desenvolvimento Institucional gera o Plano Anual de Trabalho (PAT), estruturado para toda a UnP, o qual, por sua vez, dá origem ao plano de metas, organizado por cada um dos cursos e cada um dos setores institucionais. Nesse sentido, o plano de metas representa para o curso uma forma de implementação das ações previstas no projeto pedagógico do curso, assim como um instrumento de articulação com a gestão da Universidade.

É trabalhando há 10 anos com formação de pedagogos na UnP que estão e estarão nas escolas de Educação Infantil e do Ensino Fundamental, na gestão escolar de sistemas escolares e em contextos não escolares, ao mesmo tempo educadora Freinetiana que desenvolvo um trabalho que possa proporcionar aos estudantes uma formação inovadora que reflète boas práticas pedagógicas no presente no futuro.

Desenvolvo nossa capacidade reflexiva (a minha, enquanto professora, a dos professores, enquanto formadores e a dos alunos em sua formação de professores) entendendo

que o ato reflexivo-analítico vai nos proporcionar o pensar a ação durante o desenrolar das atividades do curso e durante a ação educativa na universidade, nas salas de aula e/ou durante os estágios supervisionados (SCHÖN, 2000).

O desenvolvimento metodológico do meu trabalho docente e administrativo é a Pedagogia Freinetiana em Ação - o conteúdo - os princípios que asseguram a participação, a cooperação, a criatividade, a autonomia (com responsabilidade), a unidade, a integração e a interdisciplinaridade (ELIAS apud MORAIS, 1997); as invariantes; o movimento dos processos usados por Freinet; a educação como ação de intervenção; e a união entre a ação pedagógica e a vida.

Célestin Freinet foi um defensor da “integração trabalho e educação, seguindo a tradição revolucionária” (ROSSI, 1981, p. 115). Refletiu sobre a tese de que a escola é o microcosmo da sociedade, invertendo-lhe o sentido, fazendo com que este microcosmo constitua um lugar de questionamento à sociedade real existente. O objetivo geral do Curso de Pedagogia UnP encontra sintonia com o pensamento freinetiano quando se compromete a:

Formar pedagogos éticos, críticos e reflexivos aptos a enfrentar as demandas sociais da educação contemporânea, considerando os diferentes contextos em que ocorrem as ações educacionais. (Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia UnP, 2006-2008-2009)

Um trabalho como este traz uma investigação entre pesquisa teoria prática, carregada de toda a carga de conhecimentos e saberes, experiências de quem a produz e o contexto sócio-cultural que a materializa, portanto não é uma trabalho neutra! As reflexões do próprio Freinet nos ajudam no ofício de pesquisadora e gestora considerando que:

Tatear, pregar, provar, experimentar é uma tendência natural que está na base da pesquisa científica. Precisamos cultivar e satisfazer essa necessidade (FREINET, 1998, p. 385).

Elias (1997) afirma que Freinet formulou uma teoria pedagógica que contrastou com a escola autoritária e dogmática, incentivando a criatividade e aproximando ao máximo a educação da vida. O produto da sala-de-aula-oficina é o conhecimento e, para garantir sua aquisição, utilizam-se as técnicas: texto livre, correspondência, dramatização, biblioteca, assembleia cooperativa, livro da vida, álbum, jornal escolar e a orientação consciente do professor. Embora utópica, a idéia da sala-de-aula-oficina é capaz de gerar uma ruptura com as práticas tradicionais em uma sala do Ensino Superior.

Para tentar construir uma prática democrática e participativa de um curso superior em uma instituição privada algumas posturas precisam ser assimiladas pelo gestor e conseqüentemente pelo grupo. É preciso que todos sejam incentivados a participar das diversas atividades do curso, começando pela revisão sistemática do Projeto Pedagógico do Curso (que acontece a cada dois anos), até a participação nas reuniões ordinárias que ocorrem mensalmente entre a gestão, os professores, os alunos e o centro acadêmico. Nesses casos o debate e a discussão de idéias são fundamentais para que sejam gerados novos encaminhamentos e organização de práticas compartilhadas, assim como tomadas de decisão nas esferas administrativa e pedagógica.

A GESTÃO DEMOCRÁTICA E O PRINCÍPIO DA COOPERAÇÃO

O princípio freinetiano que ilumina o trabalho nessa instância é a cooperação, aqui entendida como co-responsabilidade de todos no processo de construção da gestão pedagógica do curso. A técnica criada pela pedagogia Freinet para solidificar a organização de um espaço democrático e participativo é a assembleia cooperativa. Considerada por Nunes (2001) como espaço-chave da organização da pedagogia Freinet, nela é construída e determinada a vida do grupo, sua organização, sua individualidade, os espaços de tempo, palavra e silêncio para os momentos de cada reunião e o respeito às decisões do grupo. Um aspecto importante: o gestor faz parte do grupo como um dos elementos integradores e cabe a ele a mediação, se necessário for, mas pode haver situações que sua vontade pessoal não seja aquela eleita pelo grupo, guardando-se, naturalmente, as diretrizes institucionais ou advindas do MEC. O aperfeiçoamento desse trabalho de organização gera a aprendizagem da negociação de interesses e o grupo cresce muito com esse exercício.

Antes de realizar esse trabalho com os professores apliquei os fundamentos e as técnicas freinetianas com uma turma onde ministrei a disciplina Didática Geral e Aplicada. Durante seis aulas consecutivas apresentei aos alunos os princípios e as técnicas freinetianas. A cada exposição e debate propunha uma ação de estímulo a escrita ou ao desenho, sempre refletindo sobre sua trajetória de vida como estudante. Embora as questões causassem estranhamento por parte de alguns alunos, eles se permitiam participar de todas e não raro, divertiam-se. Por exemplo: após falarmos da Correspondência pedi a eles “Escreva uma carta (ou bilhete) para um (a) colega dessa turma dizendo o quanto você gosta dele (a)”. Após as seis aulas de apresentação das técnicas propus uma divisão da turma em grupos. Desta vez escolhi o sorteio para a formação dos grupos, como um desafio a convivência com colegas

que alguns nunca haviam trabalhado. Percebi, no encerramento do semestre, que havia acertado nesta decisão. Os conflitos e as novas amizades fizeram com que eles crescessem muito como pessoas.

De todos os grupos o que gerou mais conflito foi aquele formado pelas quatro representantes da turma que administraram a Assembleia Cooperativa. Por excelência, espaço de auto-avaliação da turma, dos professores, da direção do curso e da Universidade, as Reuniões sempre provocaram questões polêmicas que foram muito importantes para o amadurecimento deles.

A reunião cooperativa origina-se das raízes sindicais e anarquistas do educador francês. Como para ele o ambiente escolar é essencialmente um lugar de decisões políticas, onde o aluno desempenha um papel de responsabilidade perante seu trabalho, é natural que também tenha o direito e o dever de criticar, propor e parabenizar seus colegas. Para a realização das reuniões cooperativas é necessário que sejam estabelecidos datas e horários pré-fixados a fim de atender necessidades básicas da sala. O aspecto primordial da reunião é a disciplina da classe e a auto-avaliação do grupo. Esses momentos são essenciais para que sejam abordados, analisados e discutidos assuntos que dizem respeito ao relacionamento do grupo, como também sobre o desenvolvimento dos trabalhos da classe.

Conforme o progresso da turma também poderão ser feitos na reunião o planejamento e a organização de projetos da classe e avaliação de atividades. Para o professor a reunião cooperativa vai possibilitar a observação da sua classe coletivamente, bem como de comportamentos individuais. Será sempre um exercício democrático, porque durante as sessões serão tomadas decisões coletivas, o que muito se distancia da prática tradicional rígida e autoritária. Vale observar também que vai haver uma partilha de responsabilidade na organização e previsão dos trabalhos, na verificação de falhas, de problemas, de conflitos. E deverá haver também a documentação, o registro das decisões tomadas, ou seja, aquilo que ficar acordado pelo grupo será passível de verificação e avaliação posterior, é um verdadeiro compromisso.

Uma reunião não deve seguir um modelo pré-estabelecido, deve antes de qualquer coisa atender às necessidades da classe, porém alguns passos são comuns e podem ser utilizados. Normalmente o professor descreve inicialmente como é o trabalho, explicando que cada aluno terá o direito de expressar por escrito críticas, propostas e sugestões, assinar os bilhetes e depositá-los em envelopes expostos na sala de aula.

Proporá a eleição para os cargos de presidente, vice-presidente, secretário e vice-secretário. Cada membro da mesa tem uma função: cabe ao presidente abrir e encerrar a reunião, ler o conteúdo das mensagens para discussão e garantir a palavra e a ordem durante esse momento. O vice-presidente tem a função de agrupar e selecionar bilhetes com assuntos semelhantes e encaminhá-los à leitura e destruir os bilhetes anônimos. O secretário registrará em ata as decisões tomadas e o vice-secretário colará em um caderno específico os bilhetes na medida em forem lidos e discutidos.

É sempre bom sugerir que a turma se organize em círculo para a reunião, tendo a mesa com a equipe responsável algum destaque. O professor é um dos elementos do grupo, abdica do direito de dirigir e só interfere para dar sugestões que podem ou não ser acatadas e mediar algum conflito que a mesa não consiga.

O início da reunião resgata as decisões tomadas na anterior através da leitura da ata que é feita pelo secretário. As medidas tomadas são discutidas e analisadas sobre sua possível eficácia ou rediscutidas para a tomada de novas deliberações. Só após esse momento é que começam a leitura dos bilhetes coordenada pelo presidente que dependendo da mensagem passará a palavra para o autor tecer algum esclarecimento. No caso de crítica pessoal, tanto autor como criticado têm direito à palavra, e se necessário algum outro colega. SANTOS (1996) declara que no início da sua experiência com a reunião cooperativa os alunos faziam críticas muito cruéis e posicionavam-se com muita dureza em relação às punições. Pode parecer contraditório, mas essa fase agressiva pode ser positiva. Os grupos precisam desse momento para amadurecer e respeitar cada colega citado.

Os alunos percebem que em cada situação devem analisar todos os ângulos da questão, relacionar os problemas com visões mais amplas, colocar-se no lugar do outro, avaliar com justiça a validade das punições. Esse processo não acontece instantaneamente, desenvolve-se gradativamente na medida em que os alunos se deparam com situações onde possam falar sobre coisas que não lhes agradam, tomar decisões, ouvir os companheiros. O amadurecimento é perceptível quando se começam a observar que as críticas muito grosseiras que dominaram as primeiras reuniões, cedem lugar à declarações mais objetivas, à propostas mais consistentes, ao reconhecimento pelos trabalhos bem feitos e aos elogios pelos progressos dos colegas.

As propostas surgem individual ou coletivamente, devem ser esclarecidas e defendidas pelo proponente e a classe votará sua aprovação. Se aprovada o grupo precisa decidir quais são as estratégias que irão utilizar para a sua execução e será o secretário quem registrará o

acordo. Esse texto nem sempre é fácil de ser redigido, portanto professor e alunos devem auxiliar o colega na sua construção para que não restem dúvidas.

É sempre importante que o tempo seja pré-estabelecido. A organização de uma reunião precisa ser objetiva em qualquer instância e a sala de aula é um ambiente propício e fecundo para oportunizar aos alunos momentos de aprendizagem onde possam utilizar de forma racional o tempo, respeitando a fala dos colegas, ouvindo, esperando sua vez, como também selecionar prioridades nos assuntos relevantes para o debate.

Pedagogicamente a reunião cooperativa estimula o aluno a refletir sobre sua vida escolar, a esforçar-se em torná-la melhor, em assumir algumas responsabilidades perante o grupo, analisar e avaliar seu desempenho escolar, decidir mudar comportamentos e atitudes para seu próprio bem, como também da turma, desenvolver um senso de observação mais aguçado sobre si mesmo e sobre os colegas, acompanhar o processo de desenvolvimento dos trabalhos realizados, enxergar com clareza o processo de funcionamento da sala, vivenciar situações onde ele possa criticar e ser criticado, elogiar e ser elogiado, ver suas propostas aceitas ou rejeitadas, conhecer as reações dos outros perante a sua palavra, ser co-autor das decisões coletivas, acreditar que sua participação no grupo é importante para o grupo classe.

A reunião não salva a pátria da classe, mas tem um papel decisivo e contribui para a resolução dos problemas do grupo de forma harmoniosa e democrática. Isso percebemos nas reuniões cooperativas realizadas nas salas de aula que mobilizaram os alunos para uma ação participativa aumentando sua motivação e interesse pelas atividades programadas.

Comentários críticos sobre posturas de colegas e professores, sobre algumas atitudes da comissão de formatura, da infra-estrutura do prédio, foram alvos de muitas discussões e ciente do meu papel de mediadora tentei mostrar-lhes que criticar é preciso, desde que a crítica sempre venha acompanhada de uma sugestão ou proposta de solução; que é fundamental valorizar o progresso dos colegas e que momentos como esse numa classe de Ensino Superior não devem gerar conflitos pessoais, mas provocar a auto-avaliação de todos.

Confesso que, apesar de termos realizado quatro reuniões ao longo do semestre, percebi que, infelizmente, a maioria dos alunos dessa turma não conseguiu perceber a dimensão do trabalho. Fazer a crítica é mais fácil que receber e quando, no semestre seguinte, fui chamada a classe para mediar uma reunião cooperativa solicitada por eles para discutir problemas com um professor, percebi que eles usaram a técnica somente para elencar os problemas que consideraram ser somente do docente. Praticamente não houve auto-avaliação e alguns alunos demonstraram agressividade desnecessária quando se colocaram oralmente.

Talvez não tenhamos conseguido “trabalhar as relações no grupo e a responsabilidade de cada um, uma vez que estamos formando educadores”. (ELIAS apud MORAIS, 1997). Observei aqui que a técnica que foi utilizada apenas enquanto técnica, deixando de lado os princípios da cooperação e da livre expressão fundamentais para a evolução humana do grupo de professores em formação e com Freinet podemos refletir que:

Não bastará ter essas ferramentas na escola. Será preciso que os alunos também experimentem a necessidade de utilizá-las com uma finalidade essencialmente prática que os estimulará. Pois a ferramenta, assim como o pensamento, aliás, só adquire todo o seu valor humano quando concebida em seu dinamismo, de acordo com o uso pessoal e social que a ela se dá. (FREINET, 1998, p. 379)

O encerramento da disciplina (em junho de 2008) teve uma característica interdisciplinar, pois todos os professores do semestre assistiram as apresentações dos grupos e a tarde culminou com a Assembleia Cooperativa, sintetizando o semestre 2008.1.

COMEÇOS E RECOMEÇOS DO TRABALHO COOPERATIVO

Foi a partir dessa experiência que iniciei o trabalho freinetiano com os professores e posteriormente com as reuniões mensais para professores e estudantes:

Professores – A cada mês realiza-se um encontro que convoca e reúne todos os professores do curso de Pedagogia para debater, expor e confrontar os diferentes registros teóricos e práticos que estão sendo desenvolvidos, bem como avaliar o trabalho das turmas, as ações interdisciplinares e fazer a auto-avaliação.

Representantes de turma - desde 2004 o Curso de Pedagogia adota a seguinte metodologia para representação de turma: são eleitos por voto direto e secreto três representantes por classe que têm as mesmas responsabilidades diante do grupo, representando-os perante a Direção e a Instituição. O mesmo aluno só pode ser eleito até duas vezes. O Conselho do Curso acredita que dessa forma um maior número de alunos pode experimentar a representação e exercitar a gestão estudantil democrática e participativa, o que oferece boa experiência administrativa nesse campo e vivência para experiências futuras como Conselho de Escola, Grêmios Estudantis, Associação de Pais, Caixa Escolar, entre outras. Os representantes são o elo de cada turma que comunica-se com a Direção, com a Instituição e com o Centro Acadêmico.

Conselho do Curso - CC - O Conselho de Curso de Graduação é um órgão de natureza consultiva e auxiliar, com função de analisar e propor medidas didático-pedagógicas,

administrativas e disciplinares para o funcionamento do curso e para a sua integração nos diversos programas de pesquisa e de extensão e de Pós-Graduação. A Direção e o presidente do centro acadêmico são representantes natos do CC, os professores e alunos/conselheiros são eleitos a cada dois anos por ocasião da Semana Pedagógica que acontece na última quinzena do mês de janeiro. Ao todo são eleitos três titulares e três suplentes. Além destes é eleito um professor que faz parte de uma entidade representativa da profissão. A dinâmica do Conselho tem promovido uma co-participação no desenvolvimento do Curso e legitimado decisões nos âmbitos didático-pedagógico e administrativo, sempre em função do aperfeiçoamento curricular. Além do mais, temas de interesse de toda a graduação também são discutidos nesse Colegiado, para, em seguida, serem tratados no Conselho Didático-Pedagógico – CDP. Ao adotar um modelo de gestão participativa, com ênfase na dinâmica colegiada, a UnP desenvolve uma lógica em que discussões ou decisões relativas a temas acadêmicos e administrativos têm início nos conselhos de curso para, em seguida, serem tratados no Conselho Didático-Pedagógico (CDP), composto, dentre outros, por todos os diretores dos cursos de graduação. As deliberações daí resultantes, quando necessário, são encaminhadas ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (ConEPE) e/ou ao Conselho Superior Universitário (ConSUni), dependendo da natureza dos assuntos, observadas as competências de cada um desses Colegiados Superiores.

Centro Acadêmico do Curso de Pedagogia – CAP - Desde que o Curso de Pedagogia/UnP iniciou suas atividades em 1998, suas direções e professores têm conseguido promover uma gestão participativa e democrática, onde todos são responsáveis e co-autores do Projeto do Curso e de todas as ações que lhes são pertinentes. Talvez por terem este acesso garantido ao diálogo com a Direção, os alunos nunca sentiram a necessidade de instituírem um Centro Acadêmico próprio, mesmo com a motivação que lhes era dada durante as reuniões com os representantes de turma. Em 2009, finalmente, foi eleito o primeiro Centro Acadêmico do Curso de Pedagogia intitulado “Construindo Valores”.

Como a gestão democrática e participativa é um movimento em constante evolução percebi que sozinha como professora e ou como diretora do curso de Pedagogia UnP não conseguiria transmitir a filosofia freinetiana do trabalho, por isso divido e compartilho com os professores e alunos minha angústia e vontade de fazer com que a gestão de cada turma e do curso realmente se torne democrática.

TENTATIVA DE UMA SÍNTESE PRELIMINAR...

A Pedagogia tem por excelência a responsabilidade de estimular a formação de profissionais da Educação tanto na docência como na gestão escolar. Os espaços de atuação profissional têm rompido barreiras históricas ao longo do século XX, mas é no século XXI que o pedagogo vai se tornar indispensável em todas as organizações. A escola, como espaço inicial de trabalho e a docência como identidade profissional provocam o pedagogo a buscar novas metodologias que, mais que assegurar a aprendizagem, faça com que o conhecimento tenha significado e promova alegria. Trabalhar a Pedagogia Freinet de forma concreta e vivencial com os professores que coordeno no Curso de Pedagogia/UnP e em turmas da educação superior é uma proposta que faço enquanto professora e gestora. Ao mesmo tempo demonstro minha intenção de observar se os princípios e as técnicas freinetianas influenciam e transformam (ou não) os profissionais na educação superior e os alunos nas ações pedagógicas que virão a concretizar. O princípio da cooperação preconizado por Freinet comunga com os preceitos da gestão democrática e participativa na medida em que a maioria das ações que a gestão promove têm por objetivo avaliar e aperfeiçoar o projeto pedagógico do curso, analisar, divulgar e utilizar os resultados alcançados para melhorar os processos educativos e de gestão do curso.

Referências:

- ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Célestin Freinet: uma pedagogia da atividade e cooperação**. São Paulo: Vozes, 1997.
- FREINET, Célestin. **A educação do trabalho**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GÓMEZ, A. I. P. Compreender o ensino da escola: modelos metodológicos de investigação educativa. In: SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. Trad: Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. Ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000. p. 99-115.
- MORAIS, Maria de Fátima. **Freinet e a escola do futuro**. Recife: Bagaço, 1997.
- NUNES, Antonio. **Freinet: actualidade pedagógica de uma obra**. Lisboa: Edições ASA, 2002.
- OLIVEIRA, Anne. Marie. M. **Célestin Freinet: raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica**. Rio de Janeiro: Papéis e Cópias de Botafogo e Escola de Professores, 1995.
- ROSSI, W. G. **Pedagogia do trabalho: caminhos da educação socialista**. São Paulo: Moraes, 1981, vol. 02.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.